

O Futuro da economia global: Uma outra globalização (O Covid-19 e o futuro da América-latina)

Zeno Soares Crocetti¹

Resumo:

O fortalecimento da teoria do imperialismo está modificando a análise da globalização. Essa concepção explica a polarização global da renda pela transferência sistemática de recursos dos países periféricos para os capitalistas do centro. O Continente Latino-americano sempre foi um quintal do imperialismo, primeiro da Inglaterra depois dos EUA, além de ter sido também uma zona predominante dos experimentos e da disseminação do neoliberalismo nos anos 1990. Com a vitória nas eleições de governos mais à esquerda ou progressista, em vários países (Brasil, Argentina, Uruguai, Venezuela, Chile e Bolívia, principalmente), desencadearam-se avanços importantes de 2001 até 2013, período em que a América Latina foi considerada o maior centro de resistência ao modelo capitalista neoliberal estadunidense que se disseminou pelo planeta. Também tivemos um avanço social sem precedentes, aumento da renda média, acesso maior à educação e à saúde, inclusão maior de trabalhadores na faixa de consumo de bens mais sofisticados. Agora essas contradições se acentuam, aumentando a dependência e causando crises agudas na América Latina, que se aprofundarão se o projeto da ALCA for retomado e consumado. Em decorrência dos problemas ocasionados pela Covid-19, isso poderá se agravar, mas também poderá ser uma oportunidade para uma ruptura e um novo tempo para nós.

Palavras-chave: Uso do território, imperialismo, neoliberalismo, globalização e desglobalização.

DESGLOBALIZACIÓN Y CRISIS ECONÓMICA (Covid-19 y el futuro de América Latina)

Resumen:

El fortalecimiento de la teoría del imperialismo está cambiando el análisis de la globalización. Esta concepción explica la polarización global de los ingresos a través de la transferencia sistemática de recursos de los países periféricos a los capitalistas del centro. El continente latinoamericano siempre ha sido un patio trasero del imperialismo, primero en Inglaterra después de los EE. UU. También fue una zona predominante para los experimentos y la propagación del neoliberalismo en la década de 1990. Algunos países (Brasil, Argentina, Uruguay, Venezuela, Chile y Bolivia, principalmente) desencadenaron importantes avances y, en el período comprendido entre 2001 y 2013, la América Latina fue considerada el mayor centro de resistencia al modelo capitalista neoliberal estadounidense que se extendió por todo el planeta. También tuvimos un avance social sin precedentes, un aumento en el ingreso promedio, un mayor acceso a la educación, la salud, una mayor inclusión de los trabajadores en el rango de consumo de bienes más sofisticados.

Ahora, estas contradicciones se acentúan, aumentando la dependencia y causando crisis agudas en América Latina, que se profundizarán si el proyecto del ALCA se reanuda y se consuma. Y con el problema Covid-19, podría empeorar, pero también podría ser una oportunidad, un descanso y un nuevo momento para nosotros.

¹ Universidade Federal da Integração Latino Americana/UNILA Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território. Curso de Geografia/Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil. ISBN. 978-987-87-28957 - p. 103-143.
Publicado no livro: AMÉRICA LATINA COMO GEOGRAFÍA Una periferia en cuestión. Buenos Aires:2022.

Palabras clave: uso de la tierra, imperialismo, neoliberalismo, globalización y desglobalización.

DEGLOBALIZATION AND ECONOMIC CRISIS

(Covid-19 and the future of Latin America)

Abstract

The strengthening of the theory of imperialism is changing the analysis of globalization. This conception explains the global polarization of income through the systematic transfer of resources from peripheral countries to the capitalists of the center. The Latin American Continent has always been a backyard of imperialism, first in England after the USA, and it was also a predominant zone for the experiments and the spread of neoliberalism in the 1990s. With the victory in the elections of more progressive governments, in several countries, important advances were made from 2001 to 2013, a period in which Latin America was considered the greatest center of resistance to the American neoliberal capitalist model that spread throughout the planet. We also had an unprecedented social advance, an increase in the average income, greater access to education and health, a greater inclusion of workers in the range of consumption of more sophisticated goods. Now these contradictions are accentuated, increasing dependence and causing acute crises in Latin America, which will deepen if the FTAA project is resumed and consummated. As a result of the problems caused by Covid-19, this could get worse, but it could also be an opportunity for a break and a new time for us.

Keywords: Land use, imperialism, neoliberalism, globalization and deglobalization.

Quando a epidemia deu seus primeiros sinais, uma onda de pavor envolveu a burguesia da cidade. De súbito, ela se recordou da insalubridade dos bairros pobres – e tremeu com a certeza de que cada um desses bairros miseráveis iria se constituir num foco da epidemia, a partir do qual a cólera estenderia seus tentáculos na direção das residências da classe proprietária. Rapidamente se designou uma comissão de higiene para inspecionar aqueles bairros e preparar um relatório rigoroso de suas condições ao Conselho Municipal. [...] Dadas tais [péssimas] condições [de vida], como esperar que a classe mais pobre pudesse ser sadia e viver mais tempo? Que mais esperar, senão uma enorme mortalidade, epidemias permanentes e um progressivo enfraquecimento físico da população operária?

(ENGELS, 1845, p. 100-109).

A globalização devolve ao homem a condição primitiva do cada um por si, é como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada

(SANTOS, 2001, p. 65).

Introdução

Em 2020, pode ter chegado ao fim a configuração territorial, construída pelo modelo econômico globalizado, que vem dando as cartas nos últimos 30 anos. Sob o comando da cibernética, da automação, das tecnologias revolucionárias, o trabalhador vem se tornando supérfluo e está à beira da extinção, condenado a passar da exclusão social à eliminação total.

A lógica do funcionamento da fase superior do imperialismo, a globalização, se mantinha na onda do deslocamento das indústrias, assentada na ideia de investir tudo onde a produção é mais eficiente, ancorada na estratégia da produção *just-in-time*, que se mantinha funcionando e gerando emprego nos países e nas regiões industrializadas pela alta competitividade, fazendo com que aqueles países e regiões que não puderam se industrializar ou manter suas indústrias ficassem na total dependência e subserviência aos países do centro do capitalismo.

O economista Nouriel Roubini (2006) ficou famoso por prever que a crise financeira de 2008 vinha indicando que o modelo da globalização neoliberal não iria se sustentar, denunciando que a desregulamentação do sistema financeiro deixava os agentes das finanças muito soltos, livres para fazer manipulações e fraudar os investidores.

Roubini (2006) vinha apontando as causas da catástrofe do sistema financeiro e pontuou algumas das determinações da crise financeira de 2008: excessiva desregulamentação dos mercados financeiros; pouco ou nenhum controle sobre as ações dos agentes financeiros; política monetária excessivamente frouxa (juros baixos) do final da década de 1990, até o início dos anos 2000 como motivo; alavancagem excessiva de derivativos e refinanciamento de contratos, a chamada *securitização* (titularização), ação de agrupar vários tipos de ativos financeiros, títulos de crédito, convertendo-os em títulos padronizados negociáveis no mercado de capitais interno e externo e, assim, a dívida é transferida, vendida, na forma de títulos, para vários investidores; queda na produtividade; endividamento das famílias, das empresas e governos; rombo das dívidas hipotecárias, que chegaram a atingir US\$ 12 trilhões.

Estamos ainda vivendo as consequências da crise financeira de 2008, uma crise financeira inédita, porque ela nasceu no coração do imperialismo, os Estados Unidos, e não em sua periferia, e afetou em ondas simultaneamente o mundo inteiro.

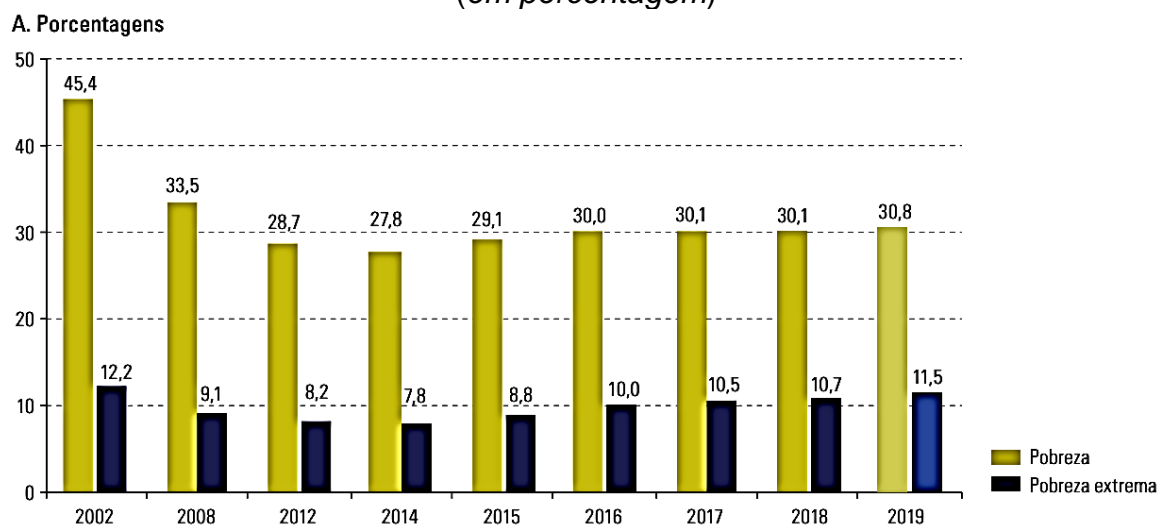
Samir Amin (1973) analisou e argumentou que a contradição do centro/periferia é indissociável em relação ao desenvolvimento do sistema capitalista mundial e que, assim como o capitalismo nasceu na periferia das grandes civilizações, a superação do capitalismo, o socialismo, só será possível em escala mundial sob a condição de uma revolução na periferia do capitalismo. O Brasil, que em um primeiro momento sentiu muito menos o impacto da crise, implantou políticas públicas robustas, mas depois que sofreu um golpe institucional, um pacto das elites

aristocratas em associação ao grande capital, sob a tutela dos EUA, está em situação catastrófica. Depois de dois anos e meio em recessão, em que a economia chegou a encolher 8%, o país vem tendo um crescimento lento, com desemprego alto. Além disso, com um governo ilegítimo e entreguista a partir de 2019, chega agora, em 2020, com sério agravamento da crise do Covid-19, em um período de estagnação econômica e uma profunda crise social e econômica.

Ruptura com o Sistema

O Banco Mundial, tanto no seu portal no Brasil quanto no latino, reconheceu que, entre 2003 e 2014, o Brasil e a América Latina em geral tiveram um grande salto econômico e social, vivendo uma década de progresso econômico e social, em que milhões de pessoas saíram da pobreza, como podemos verificar por meio dos sucessivos Anuários Estatísticos da América Latina elaborados pela CEPAL, demonstrados nas Figuras 1 a 3.

Figura 1 – Taxa de pobreza e extrema pobreza na América Latina, 2002-2019
(em porcentagem)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL-2020), com base em Banco de Dados de Pesquisas Domiciliares (BADEHOG).

Média ponderada dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

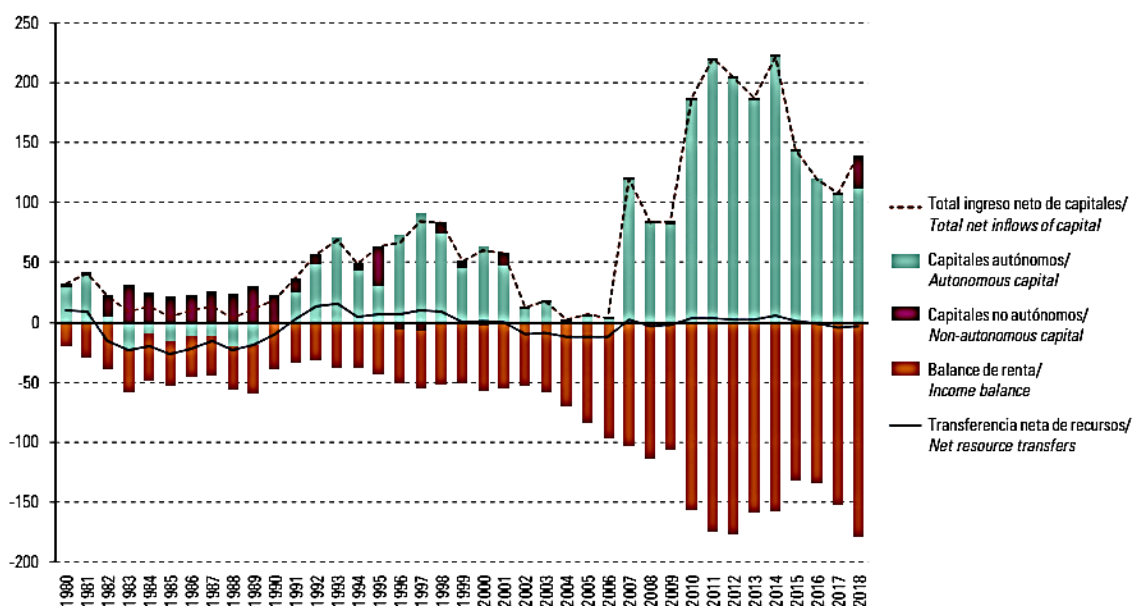
Por volta de 2005, nossa América Latina foi considerada o maior centro de resistência ao modelo capitalista neoliberal imperialista que se disseminou pelo planeta.

A influência internacional na conjuntura local tem sido desconsiderada nos últimos tempos no processo de resistência latino-americana na busca de um modelo

próprio de integração regional, importante para que se consolide sua continuidade, e que o modelo seja aperfeiçoado.

O continente aproveitou a virada do milênio e surfou no aumento da demanda de *commodities* agrícolas e minerais. Contou também com o avanço das forças produtivas na China, Rússia, Oriente Médio e alguns países na África e SW asiático, o que facilitou uma maior independência em relação ao monopólio comercial dos EUA.

Figura 2 – América Latina e Caribe: entrada líquida de capital e transferências de recursos, 1980-2018
(em bilhões de dólares a preços de mercado atuais)

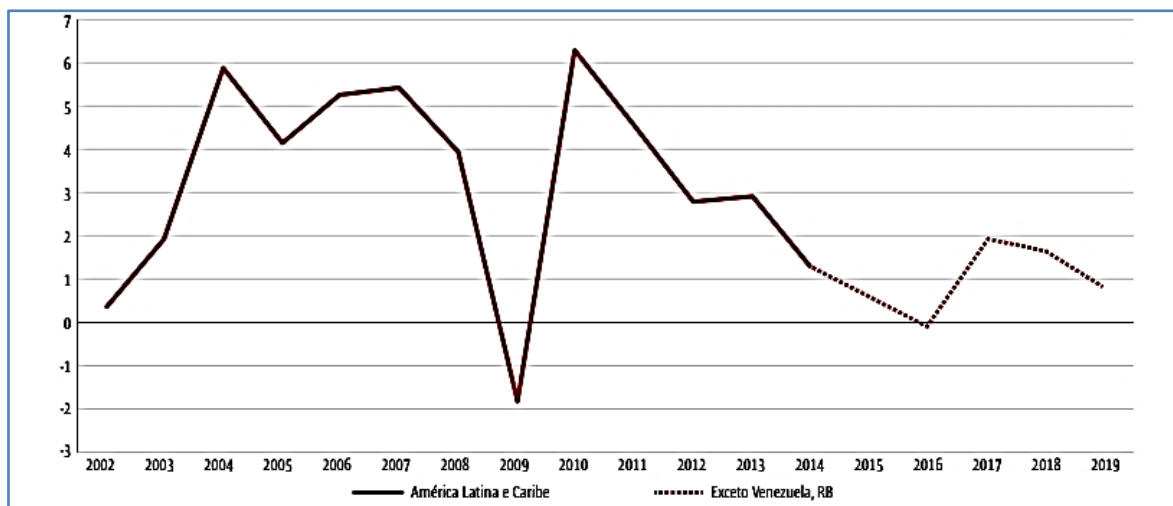


Fonte: CEPAL, estimada com base em dados oficiais dos países, 2020. Não inclui as Bahamas (2018), Barbados (2018), Cuba (desde 2008), Jamaica (2018) e Trinidad e Tobago (2017 e 2018).

O destino da América Latina, de alguma maneira, foi lançado no Brasil. Segundo a análise de importantes intelectuais latino-americanos, o fim do mundo bipolar nos anos 1990 significou uma quase vitória do campo capitalista neoliberal e provocou regressões nas ações e no discurso na esquerda.

Além da hegemonia – versão do neoliberalismo estadunidense – do que seja democracia, consolidou-se também o estilo de vida capitalista. A força dos EUA resistiu (no campo ideológico, na forma mercantil de vida, no estilo de consumo, nas marcas, nas corporações e principalmente em sua máquina de guerra).

Figura 3 – Crescimento econômico lento ao final da Década de Ouro
Crescimento do PIB real (em percentagem)



Fonte: Indicadores de Desenvolvimento Mundial, BIRD, 2020.

Durante esse período de tempo (2002-2014), tudo isso teve grande poder de sedução, inclusive nas camadas mais pobres da população, provavelmente porque o império estava sob ataque em 2001 e teve que se defender com a “Guerra ao Terror”. Logo a seguir, com a Crise do Sistema Financeiro (2008), essas determinações foram as alavancas da ruptura e da desconexão temporária das amarras e da dominação do continente latino-americano das forças do imperialismo.

O quadro político latino-americano reuniu as bases para a determinação de um novo modelo. De acordo com Emir Sader (2006), “A América Latina foi um único lugar do mundo cujo projeto de integração regional teve relativa autonomia dos EUA. Os EUA ficaram muito mais isolados”.

É bom lembrar também que o Continente foi a zona predominante dos experimentos e da disseminação do neoliberalismo nos anos 1980/90, mas foi na América Latina que ocorreram as primeiras grandes crises do neoliberalismo, com a quebra das economias do México, do Brasil e da Argentina. O primeiro grito contra o modelo, os zapatistas de Chiapas, o levante na rodada do milênio em Seattle, o MST do Brasil e os piqueteiros na Argentina levaram à criação do Fórum Social Mundial.

Com a vitória nas eleições de governos mais à esquerda ou progressistas, em vários países (Brasil, Argentina, Uruguai, Equador, Venezuela, Chile, Honduras, Paraguai, Nicarágua, e Bolívia, principalmente), desencadearam-se avanços importantes, como o fracasso da instalação da ALCA, que estava prevista para janeiro de 2005. Também tivemos um avanço social sem precedentes, aumento da renda média, acesso maior à educação, à saúde, inclusão maior de trabalhadores na faixa de consumo de bens mais sofisticados.

Em alguns países como o Brasil, o grande erro estratégico talvez tenha sido a excessiva preocupação com o consumo e a geração de empregos ou sua manutenção. Devido à fragilidade política da força hegemônica, o PT teve que fazer alianças para ganhar as eleições e estabelecer uma agenda de governabilidade.

Ainda que essas dificuldades sejam um fato, essa estratégia deixou a desejar no quesito controle e regulação da mídia, reforma política, reforma tributária, abandono das bases sociais. Embora tenha avançado significativamente na questão das relações internacionais, teve enormes fragilidades no Mercosul, por exemplo, que avançou muito pouco. Com isso, segundo Sader (2006), os EUA “vão comendo pelas beiradas” e preparando a volta da ALCA e a recuperação do quintal. Era preciso caminhar na direção de uma moeda única para o Mercosul e buscar maior integração na política e em outras áreas, com destaque para as comunicações – hoje dominada pela mídia corporativa, que se é porta-voz dos interesses imperialistas dos EUA.

Uma interpretação cíclica

A partir desse esquema interpretativo de mundo, como os geógrafos contribuem para interpretar as estruturas do território e suas dinâmicas? Podemos afirmar que o espaço geográfico é concebido como um cimento de objetos mediados pela práxis social e acreditamos que a grande mídia contribui para o desaprendizado da informação. Como diria Milton Santos, acordamos a cada dia ignorantes das descobertas da véspera! Concluimos que quanto menos se sabe, mais se é manipulado.

Podemos interpretar o imperialismo atual, sua retomada pós-crise, como resultado, em primeiro lugar, de um fato singular: a existência de uma ordem mundial. Essa ordem se concretiza e podemos entender a constituição do modelo que está sendo formado hoje. Para isso, já de saída, a respeito dessa ordem, podemos dispensar duas concepções comuns que são divulgadas pelos estrategistas do centro do grande capital:

- a primeira é a noção de que o modelo atual surgiu espontaneamente da interação de forças globais radicalmente heterogêneas, ou seja, é fruto natural da evolução do sistema capitalista, como se essa globalização neoliberal fosse um concerto harmonioso orquestrado pela mão neutra e oculta do mercado mundial;

- a segunda é a ideia de que vivemos a ordem unipolar, gerenciada por uma única potência e um único centro de racionalidade transcendente para as forças globais, guiando as diversas fases do desenvolvimento histórico segundo um plano consciente e onisciente, algo assim como uma teoria conspiratória da globalização.

A intensificação do processo de internacionalização do capital, que se convencionou chamar de *globalização*, *mundialização* após a crise do petróleo no início da década de 1980, trouxe como consequência uma enorme integração dos mercados financeiros mundiais e o crescimento singular do comércio internacional, que foi viabilizado pelo avanço das novas tecnologias, principalmente no ramo da informação, e pela acentuada desregulamentação financeira do mercado.

Diante disso, muitos geógrafos e cientistas sociais se colocaram na defesa de que esse processo justificaria o fim do território devido ao nascimento de um mundo dominado não mais pelas relações interestatais e sim pela mobilidade e fluidez do capital. Sem dúvida, cria-se um espaço dos fluxos, materializado na hegemonia dos grupos transnacionais, porém “o capitalismo avançado e as mudanças produtivas [...] não aboliram nem anularam o espaço, mas, pelo contrário, lhe deram novo significado, nova dimensão e nova estrutura” (CICCOLELLA, 1996, p. 297).

Segundo Chesnais (2010), o processo de mundialização é uma fase específica do processo de internacionalização do capital, que tem como característica o movimento conjunto:

1. da acumulação ininterrupta do capital; e
2. das políticas de liberação, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento das conquistas sociais e democráticas.

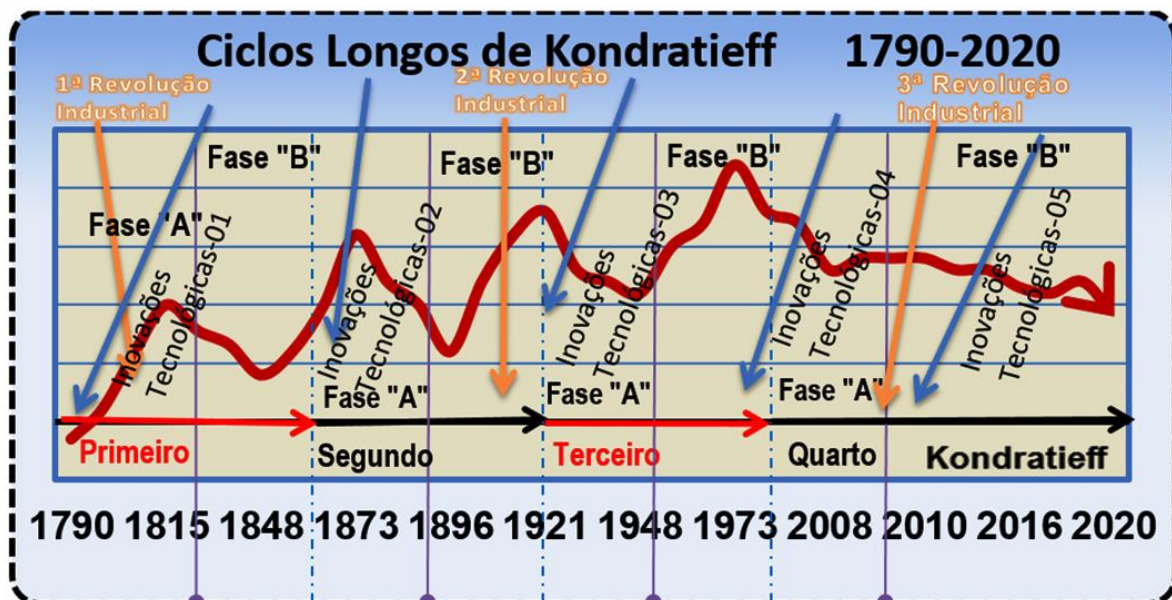
Kondratieff, por sua vez, procurou examinar o comportamento de variáveis econômicas e sua dinâmica, efetuando, ao longo dos anos, a análise do movimento médio das séries e indicadores de preços e mercadorias, tais como taxas de juros, investimentos dos bancos, salários dos trabalhadores em atividades agrícolas e industriais, alterações populacionais, importação e exportação, depósitos e poupanças bancárias, total de comércio exterior, consumo e produção de carvão e petróleo; produção de ferro gusa; produção de cereais por acres e produção líder. Nesses ciclos, a fase de expansão é caracterizada por superinvestimentos em bens

de capital e, na fase de depressão, por um processo de depreciação (ver teorização esboçada na Figura 4):

Modificações nas técnicas têm sem dúvida um papel muito influente sobre o curso do desenvolvimento do capitalismo. Mas ninguém provou que elas têm uma origem acidental e externa. Modificações nas técnicas de produção presume (1) que relevantes descobertas e invenções científicas foram feitas, e (2) que é economicamente viável usá-las. Seria um erro óbvio negar o elemento criativo das descobertas e invenções científico-técnicas. Mas de um ponto de vista objetivo, ocorreria ainda um grande erro se alguém acreditasse que a direção e a intensidade destas descobertas e invenções fossem meramente acidentais; é muito mais provável que a direção e a intensidade sejam uma função das necessidades da vida real e do desenvolvimento precedente da ciência e da técnica. Invenções científico-técnicas por si mesmas, portanto, são insuficientes para trazer uma mudança real na técnica de produção. Elas podem se manter inativas tanto quanto as condições econômicas favoráveis de suas aplicações estiverem ausentes. Isto está revelado no exemplo das invenções científico-técnicas do século XVII e XVIII que foram usadas em larga escala somente durante a revolução industrial e início do século XVIII. Se isto é verdade, então a suposição de que as modificações técnicas são de caráter aleatório e não de fato a fonte nascente de necessidades econômicas perde o seu peso. Nós vimos antes que o desenvolvimento das técnicas em si é parte do ritmo das ondas longas.

(KONDRATIEFF, 1984, p. 35-36).

Figura 4 – Ciclos longos de Kondratieff, 1790-2020



Novas Tecnologias

(1) Máquina a Vapor
Máquina de Fiar e Tear
Máquinas/Ferramentas

(2) Locomotiva e
Navio Vapor

(3) Eletricidade
Química
Linha de montagem
Motor a combustão

(4) Avião a Jato
Telecomunicações

(5) Telecomunicações associada a Informática (Telemática)
Robotização
Biotecnologia
(Meio Técnico-científico-informacional)

Fonte: A linha do gráfico Kondratieff foi construída pelas médias trienais do crescimento econômico mundial, com base nos dados do Banco Mundial 2020 e das tabelas de Mamigonian (1987, p. 63-71) e Rangel (1990, p. 33-35). Elaboração: Crocetti (2020).

Para a determinação dos anos de tais tendências, Kondratieff (1984) concluiu que os limites desses ciclos podiam, todavia, ser representados como sendo as variáveis de 40 a 60 anos aproximadamente e estabeleceu um gráfico provável dos ciclos (Ver Figura 4)

Ao examinar a natureza dos longos ciclos, do ponto de vista das modificações nas técnicas de produção, Kondratieff (1984) observou que as regularidades do processo ajudam a estabelecer algumas regras empíricas para o movimento das longas ondas. E dentro dessa perspectiva, em um curto, mas importante trecho, Kondratieff (2010) revelou o papel das modificações nas técnicas nos longos ciclos: com o avanço dos estudos dos ciclos econômicos, e por várias adaptações e propostas teóricas de modelos interpretativos tanto à esquerda quanto à direita, e com o aprofundamento de seu funcionamento e pela aceitação pelo centro do capitalismo, vem ocorrendo uma profunda alteração na sua dinâmica.

O raciocínio inicial de Kondratieff (1984) observa a expansão ou revolução tecnológica e criação de um novo modelo produtivo, baseado nas flutuações da atividade econômica no curto prazo e um grande número de atividades econômicas com uma alternância de períodos de crescimento relativamente rápido da produção econômica e da expansão capitalista (recuperação e prosperidade), com períodos de relativa estagnação ou declínio (contração ou recessão).

O centro do capitalismo estudou à exaustão o seu mecanismo de funcionamento, o que possibilitou em longo prazo medidas anticíclicas. O economista alemão Wolfgang Streeck (2013), interpretando esse alongamento maior do ciclo, redução da contração ou recessão econômica, formulou um longo estudo que virou livro (*Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo*). Portanto a flutuação dos ciclos longos ganhou outra dinâmica.

Schumpeter (1982, p. 62-77), economista e professor de Harvard que desenvolveu a Teoria da Inovação, interpretou que os longos ciclos resultam da conjugação ou da combinação de inovações e criaram um setor líder na economia (ou um novo paradigma), ou inovação tecnológica que impulsiona o crescimento rápido dessa economia. Esse setor promove, antes de consolidar a sua hegemonia, uma avalanche de transformações e de destruições criativas. Para Schumpeter (1982), a crise geral do capitalismo é também fruto do esgotamento tecnológico, ou seja;

*O Capitalismo, então, é, pela própria natureza, uma forma ou método de mudança econômica, e ele nunca pode estar estacionário. E tal caráter **evolutivo** do processo capitalista não se deve meramente ao fato de a vida econômica acontecer num ambiente social que muda e, por sua mudança, altera os dados da ação econômica; isso é importante e tais mudanças (guerra, revoluções e assim por diante) frequentemente condicionam a mudança industrial, mas não são seus motores principais. Tampouco se deve esse caráter **evolutivo** a um aumento quase automático da população e do capital ou dos caprichos dos sistemas monetários, para os quais são verdadeiras exatamente as mesmas coisas. O impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre de novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria [...]. A abertura de novos mercados – estrangeiros ou domésticos – e o desenvolvimento organizacional, da oficina artesanal aos conglomerados [...], ilustram o mesmo processo de mutação industrial [...] que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando uma nova. Esse processo de **Destruição Criativa** é o fato essencial do capitalismo. É nisso que consiste o capitalismo e é aí que têm de viverem todas as empresas capitalistas.*
(SCHUMPETER, 1982, p. 112-113).

A tese marxista do *lumpen proletariado* (proletariado esfarrapado), que não consome e provoca a saturação do mercado dos mais ou menos ricos, continua válida. A diferença em relação ao século XIX é que agora a situação é global, e são os ricos que estão com os mercados mais saturados. Estamos, segundo Schumpeter (1982) e suas adaptações para o momento atual, em plena recessão/estagnação. Não dá para dizer que haverá uma depressão profunda da economia, tampouco que um grande conflito armado vai fechar essa fase, embora possamos interpretar que talvez o sistema se autorregulou, com guerras pontuais na periferia do sistema (Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, entre outras). Podemos estar errados, evidentemente, apesar de a onda dos ciclos de crescimento e depressão da economia se encaixar com exatidão nesse diagnóstico. Alguns analistas sugerem que o ciclo deve ser corrigido pela

expectativa de vida da população – se ela se alonga, também o ciclo cresce. Na interpretação de Streeck (2013), esse alongamento maior do ciclo seria tempo comprado para adiar a crise do capitalismo. Portanto a flutuação dos ciclos longos ganhou outra dinâmica. Segue quadro esquemático adaptado da tese de Schumpeter:

Tabela 1 – Longos ciclos adaptados de Schumpeter

FASES	DECOLAGEM	EXPANSÃO	RECESSÃO	DEPRESSÃO
CICLOS	A	B	C	D
1o	1770-1785	1786-1800	1801-1813	1814-1827
2o	1828-1842	1843-1857	1858-1869	1870-1885
3o	1886-1897	1898-1911	1912-1925	1926-1937
4o	1938-1974	1974-1998	1998-2008	2008...

Fontes: Adaptado de STOFFAES (2009, p. 337 e 362); GOLDSTEIN (1988, p. 94).

Na interpretação de Rangel e Armen (1982; 1998), na década de 1980, em pleno período depressivo fruto da crise do petróleo, quando Reagan assume os EUA e Thatcher na Inglaterra, ocorre uma política reversiva em termos de agressividade. Passaram a adotar uma política econômica de não fechar o mercado estadunidense, como tinha acontecido na crise de 1929/30. Ao contrário, fizeram uma política dupla: abertura para certas coisas e fechamento para outras. Fechamento, por exemplo, das importações de automóveis, sobretudo japonesa. Então, os japoneses foram obrigados a instalar fábricas nos Estados Unidos. Isso fez parte, portanto, de uma política deliberada: *vamos recuperar a economia dos EUA*.

Uma das estratégias foi liberar o mercado financeiro. A liberação do mercado financeiro significou que eles puderam operar no mundo inteiro. Essa recuperação financeira ocorreu por causa das desregulações, isto é, as moedas deixaram de ter paridade com o dólar e aboliu-se o câmbio fixo, implantando o câmbio flexível. Ocorreram muitas especulações com as moedas, o que afetou, por exemplo, a Inglaterra nos anos 1980. Os especuladores atacaram a libra esterlina. Passou a haver uma liberação da compra de ações praticamente do mundo inteiro, com exceção talvez no Japão, que se segurou um pouco.

Durante a crise dos anos 1929/30, ocorreu o esgotamento tecnológico, e havia uma necessidade de renovação tecnológica do capitalismo. O capitalismo já tinha esgotado a sua capacidade de lucratividade com a tecnologia de que dispunha. Então o capitalismo precisava encontrar fórmulas tecnológicas, organizativas etc. para superar a crise.

Nos anos de 1980, uma das fórmulas que os EUA usaram foi exatamente adotar o *Toyotismo*, que nem eles conheciam direito. Então eles tiveram que acelerar. Mas era só um mecanismo de organização da produção industrial. Na verdade, muito mais do que isso, havia atrás dessa crise toda a necessidade de uma revolução tecnológica que já estava começando e não parou. Até hoje essa revolução tecnológica está andando. Ela foi simplesmente retardada pelo fato de que eles puderam ter lucros astronômicos no mercado financeiro especulativo. Não havia então necessidade de fazer tantos investimentos em novas tecnologias, que exigem centenas de bilhões em novos investimentos. Assim, o caminho mais fácil foi colocar as grandes corporações no mercado especulativo.

Uma das razões pelas quais a crise do capitalismo não acabou foi que as novas tecnologias continuam proporcionalmente atrasadas. Atrasadas porque a financeirização foi prioridade para ter uma lucratividade imediata. O capitalismo está atrasado do ponto de vista da revolução tecnológica, mas só esta é que vai permitir à economia mundial toda se recuperar. A atual crise da primeira década dos 2000 vai acelerar a corrida tecnológica porque está demonstrado que aqueles que ficarem esperando excessivamente vão ficar para trás.

A questão da revolução tecnológica é uma questão da qual não se escapa. Isso não é uma coisa que se possa controlar ou deixar de controlar. São leis do capitalismo. O capitalismo, quando entra num período depressivo, é obrigado a procurar novas fórmulas de lucratividade. E uma delas são tecnologias novas. Nesse sentido, dá para dizer que o fordismo já acabou e que foi substituído pelo *toyotismo*. Dá para acrescentar também que a segunda Revolução Industrial já acabou e que está sendo substituída pela terceira. Portanto, é um fenômeno inexorável – não é coisa que dá para ser a favor ou contra.

Para o capitalismo, a relação produção/consumo é fundamental. Não se pode brincar. Conseqüentemente, o que vem por aí – num futuro relativamente próximo – é uma diminuição da jornada de trabalho, como já houve nas outras revoluções industriais, porque para o capitalismo não interessa ter uma população desempregada

muito numerosa. Há uma margem de tolerância política. Por outro lado, há uma necessidade de que a relação entre produção que sobe verticalmente pela revolução tecnológica seja acompanhada por uma capacidade de consumo, a qual pode ser induzida pelos Estados, sob a forma de uma redução da jornada de trabalho, como aconteceu em todas as revoluções industriais.

Ruptura e contrarruptura e a Crise do Covid-19

Que nome se dá a um amanhecer como o de hoje, quando a devastação é geral e o ar mal se respira na cidade em chamas, quando tudo está perdido e na terra arrasada os inocentes se matam uns aos outros, mas, numa das esquinas, já surgem agonizantes os culpados? Ah, é um nome bellissimo. Chama-se: aurora.

(Jean Giraudoux, *Electra*, 1937)

A globalização permitiu, no campo da Geografia, o avanço das discussões acerca das categorias, dentre elas, a redefinição do território. Esse conceito, que até então era feito com base em uma leitura fundamentalmente política, passa a ser tratado levando-se em conta a complexidade em diversas escalas das relações sociais. O Estado-nação, que era quem conferia os limites ao território, se torna enfraquecido diante da mundialização do capital e do monopólio das multinacionais. Assim, o território, que não deixa de existir, vai se reinventar sob um novo paradigma, e a sua abordagem se torna cada vez mais variada pela multiplicidade de significações.

Milton Santos (1998) definiu o avanço da globalização como *meio técnico-científico-informacional*. O espaço geográfico, entendido dessa forma, é constituído por um grande conteúdo em ciência, técnica e informação, daí resultando uma nova dinâmica territorial. Isso se deve, sobretudo, ao processo de mundialização, marcado, entre outros aspectos, pela expansão das empresas multinacionais, que investem maciçamente em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e sistemas de produção. Essa situação leva a um tipo de produção com um conteúdo em ciência, tecnologia e informações cada vez maior. Conforme Santos (1998, p. 18),

[...] no começo da vida o homem organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos, [...] essa evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais

ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos.

A ruptura

As mobilizações políticas e sociais contra o neoliberalismo tiveram sua origem na articulação do movimento antiglobalização que se localiza em 1996, em Chiapas, durante o Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, organizado pelos zapatistas. Em 1997, a Global Trade Watch empreendeu uma campanha nos Estados Unidos contra a Organização para o Comércio e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e na Europa foi realizada a Marcha Europeia contra o Desemprego, com o apoio de sindicatos e organizações de direitos humanos. Em maio de 1998, ocorreram as primeiras mobilizações antiglobalização na Europa, em Genebra, convocadas pela Ação Mundial dos Povos, durante a Segunda Conferência Ministerial da OMC contra o Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) e a ALCA. Durante esse período, fortaleceram-se os protestos antiglobalização.

As manifestações contra o encontro da OMC em Seattle, também conhecidas como *Batalha de Seattle* ou *N-30*, foram manifestações ocorridas em 30 de novembro de 1999 contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em que cerca de 100 mil pessoas – entre as quais ecologistas, anarquistas, trabalhadores sindicalizados, estudantes, pacifistas e humanistas – mobilizaram-se por vários dias e declararam não terem tido auxílio de qualquer esfera partidária de representação, nas ruas de Seattle até a queda da chamada *Rodada do Milênio*.

Em dezembro de 2000, o protesto se deslocou para Nice, na França, na conferência de cúpula da União Europeia. Ainda em 2000, o movimento teve uma primeira vitória: anunciou-se um esquema para o perdão da dívida de 23 países paupérrimos, denominados como HIPCs (Heavily Indebted Poor Country – Países Pobres Altamente Endividados).

O ano de 2001 demarca um novo ciclo no movimento antiglobalização, o qual ganhou força política. No mês de janeiro, ocorreu o Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Planejado para contrapor-se ao Fórum de Davos, o FSM priorizou o social e não o econômico. O debate extraoficial ocorrido entre George Soros e representantes do FSM deu visibilidade internacional aos que protestavam e propunham que "Um outro mundo é possível".

O movimento piquetero na Argentina teve início entre os trabalhadores desempregados, no final dos 1990, e se aprofundou com a crise econômica da Argentina (1999-2002), em que fizeram ocupação de empresas. O auge desse

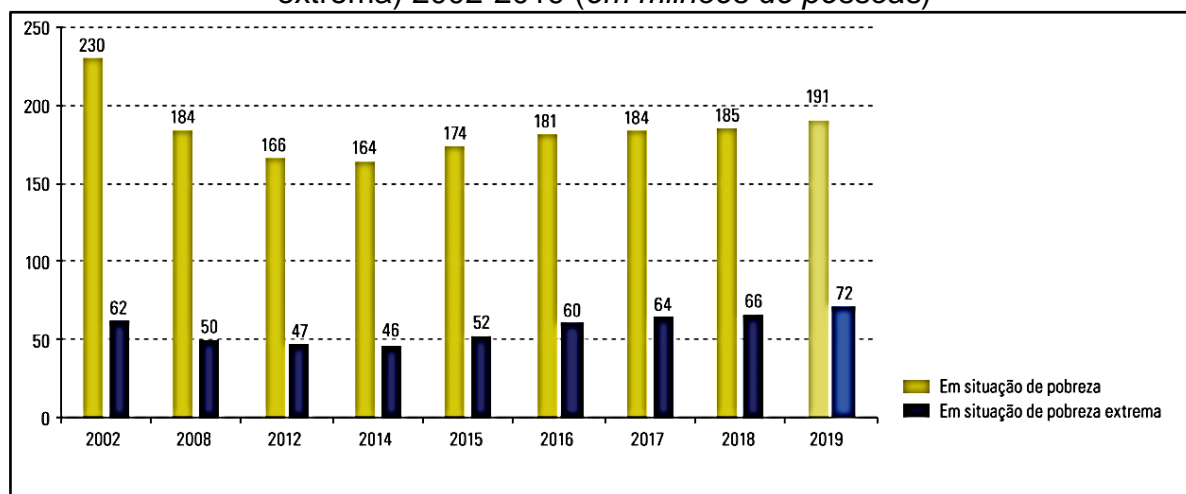
movimento foi durante a implantação do *corralito*, que foi o bloqueio da retirada de depósitos em contas correntes e poupanças. Congelaram-se os depósitos dos poupadores e estabeleceram-se limites semanais para a retirada de fundos.

Esse processo de contestação se estendeu aos Estados Unidos em 2011, com os movimentos Occupy Wall Street (OWS) e seus desmembramentos em escala mundial, passando pela fracassada Primavera Árabe e seguindo forte e fortalecido pelo Fórum Social Mundial.

Entre 2003 e 2014, a América Latina viveu uma fase de progresso econômico e social em que mais de 66 milhões de pessoas saíram da pobreza e cerca de 16 milhões deixaram a extrema pobreza, como mostram os levantamentos estatísticos dos governos e dos anuários Estatísticos da CEPAL. Foi o período mais longo de estabilidade econômica em que as desigualdades diminuíram expressivamente.

O coeficiente de GINI caiu em média 6,6% no mesmo período. O nível de renda dos 40% mais pobres da população aumentou, em média, 7,1% (em termos reais) entre 2003 e 2014, em comparação ao crescimento de renda de 4,4% observado na população geral.

Figura 5 – América Latina (taxas de pobreza e pessoas em situação de pobreza extrema) 2002-2019 (em milhões de pessoas)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL-2020), com base em Banco de Dados de Pesquisas Domiciliares (BADEHOG).

Média ponderada dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Como afirmamos, a América Latina foi considerada a maior alternativa de resistência ao modelo capitalista neoliberal que se disseminou pelo planeta da década de 2000. Mesmo com influência internacional imperialista contra a conjuntura local,

ela resistiu ao ataque por mais de uma década, na busca de um modelo próprio de desenvolvimento e integração regional. Isso foi importante, mas essa desconexão do continente em relação ao capitalismo predatório mundial chegou ao fim em 2013, e o modelo não pôde ser aperfeiçoado, o que gerou uma contrarrevolução brutal para restabelecer a total subordinação territorial e dependência ao imperialismo.

Desde 2015, quando teve início o contra-ataque do império, o ritmo de redução da pobreza e da desigualdade estagnou, e teve início o retrocesso, como podemos observar na Figura 5.

O destino da América Latina, de alguma maneira, está dependendo mais uma vez do Brasil. Segundo a análise de importantes intelectuais latino-americanos, o fim do mundo bipolar da Guerra Fria nos anos 1990 significou uma pseudovitória do campo capitalista neoliberal e provocou regressões nas ações e no discurso no campo da esquerda. Hoje esse processo tenta ser retomado, com os golpes via judiciário ou semelhantes (Honduras, Paraguai, Brasil e Bolívia). Ocorreu uma ofensiva brutal da classe aristocrata burguesa dominante, que aproveitou para tentar enfraquecer os movimentos de trabalhadores, eliminar ou reduzir os direitos trabalhistas, ampliar seus lucros com novas formas de exploração ou com a privatização de empresas estatais, mas em 2019 e 2020 provou que as forças democráticas estão fazendo um enfretamento e buscam uma virada!

Polarização do mundo

A polarização global da renda confirma a importância dessa concepção em seu primeiro sentido. Quando a fortuna de três bilionários supera o PIB de 48 nações e a cada quatro segundos um indivíduo na periferia morre de fome, é difícil esconder que o aumento da distância entre países avançados e subdesenvolvidos se deve à opressão. Já é incontestável que essa assimetria não é um evento “passageiro”, nem será corrigida pelo “derramamento” dos benefícios da globalização. Os países periféricos não são apenas “perdedores” da globalização, mas também apoiam uma intensificação das transferências de recursos que historicamente frustraram seu crescimento.

Essa drenagem causou a duplicação de extrema miséria nas 49 nações mais pobres e grandes deformações no acúmulo fragmentário de países dependentes semi-industrializados. Neste segundo caso, a prosperidade dos setores inseridos na

divisão internacional do trabalho é consumada em detrimento das atividades econômicas destinadas ao mercado interno.

A análise do imperialismo não oferece uma interpretação conspiratória do subdesenvolvimento, nem isenta os governos locais dessa situação. Ele simplesmente fornece uma explicação do motivo pelo qual a acumulação é polarizada em todo o mundo, reduzindo as possibilidades de nivelamento entre economias diferentes. A margem de crescimento acelerado que permitiu à Alemanha ou ao Japão no século XIX alcançar o *status* de poder já detido pela França ou pela Grã-Bretanha, não está ao alcance do Brasil, Índia ou Coreia do Sul. O mapa do mundo foi moldado por uma *arquitetura estável* do centro e uma *geografia variável* do subdesenvolvimento, em que há apenas modificações no *status* periférico de cada país dependente.

A teoria do imperialismo atribui essas assimetrias à transferência sistemática de valor criado na periferia para os capitalistas do centro. Essas transferências são especificadas por meio da deterioração dos termos de troca, da sucção de recursos financeiros e da transferência de lucros industriais. O correlato político dessa drenagem é a perda de autonomia política das classes dominantes periféricas e a crescente intervenção militar do *gendarme* americano. Essas três características do imperialismo contemporâneo são claramente observadas na realidade latino-americana.

Contrarruptura

Desde a década de 1990, qualquer debate político-econômico sempre envolvia uma palavra mágica: *globalização*. O termo definia as políticas de deslocalização de empresas, em que essas corporações multinacionais podiam mudar de país para outro num piscar de olhos, e o dinheiro cruzava fronteiras com a velocidade da internet.

Os acordos globais do comércio global, como da Rodada do Milênio, do Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) e Rodada de Doha, negociações promovidas pela OMC em prol da liberalização de negócios e ameaça soberania das nações, fracassaram, pois visavam diminuir as barreiras comerciais em todo o mundo e difundir o livre comércio nos países da periferia do sistema capitalista.

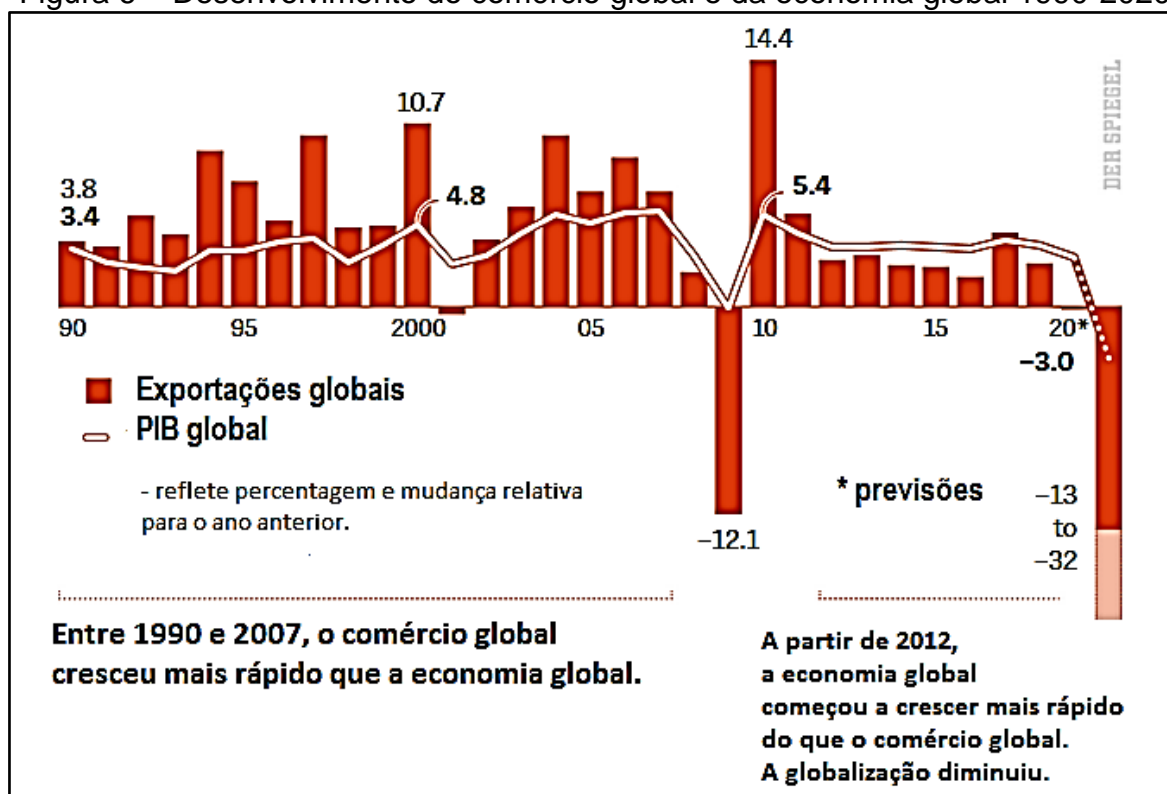
Desde as crises do neoliberalismo no final da década de 1990, seguidas dos ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono em 2001 nos EUA e a crise do sistema

financeiro em 2008, teve início no mundo todo (centro e periferia do capital) um discurso da desglobalização, e o cenário hoje é outro. O comércio mundial e os investimentos internacionais sofrem uma retração. Nas principais economias, florescem discursos e práticas anti-imigração, barreiras comerciais em prol do comércio local.

A atual Guerra Híbrida iniciada em 2013 é o resultado de um processo, é uma hecatombe, é a barbárie dos povos, e ela, por mais que os interessados tentem desmentir, tem história, tem passado, tem motivo. Ele é cria da Guerra dos Mundos, a mesma que movimentou bilhões em Wall Street e proibiu a venda de remédios para a África. A mesma Guerra dos Mundos financiou a corrida bélica da Guerra Fria, a mesma que criou a bomba atômica, a mesma que estuprou centenas de crianças vietnamitas com balas e produtos químicos. Em troca do quê? De mercado, mercado, produção a todo custo, tiro e superávit!

Está globalização acabou?

Figura 6 – Desenvolvimento do comércio global e da economia global 1990-2020



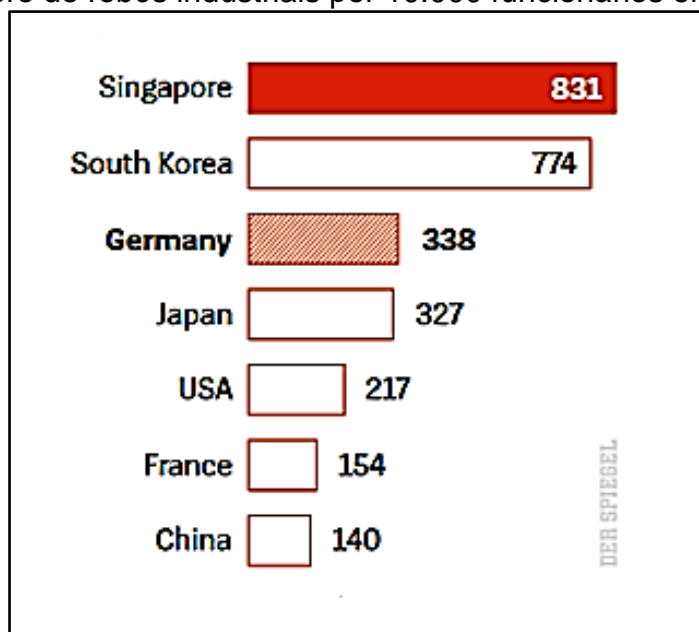
Fonte: OMC, FMI, 2020.

Essa ruptura global das estruturas do neoliberalismo no início deste milênio foi uma mudança tão importante, que John Gray (2001) organizou um dossiê especial,

Adeus à globalização, no *The Guardian*, e depois da crise do neoliberalismo de 2001, teve início a *slowbalization*, a globalização lenta, que, segundo Gray formulou, é um ponto de virada histórico. Ele escreveu que o impacto da crise financeira teria uma influência global, e na América será “tão abrangente em suas implicações quanto a queda da União Soviética”, chamando esse fenômeno de colapso de “um modelo inteiro de governo e economia” (Gray, 2001). Esse mesmo autor profetizou um grande avanço na América-Latina, conforme esboçado na Figura 6.

Podemos lembrar-nos da Era da Globalização como um mundo plano, onde as grandes corporações das finanças eram rainhas. A crescente prosperidade econômica criou novos ricos e milhares de pobres. O neoliberalismo, em uma variedade de configurações, se estendia de um extremo ao outro do planeta. Estados de grande importância individuais estavam desaparecendo, e a ameaça de uma guerra entre as grandes potências quase chegara ao fim.

Figura 7 — Automatização
Número de robôs industriais por 10.000 funcionários em 2018



Fonte: Países selecionados da International Financing Review (IFR), 2020.

Essa utopia foi destruída com uma rapidez inacreditável. Em síntese, o mundo é muito redondo novamente. A crise financeira global deixou os pobres de lado. A corrupção e a irresponsabilidade desenfreada dos gestores das corporações financeiras deixaram o mercado tão assustado quanto o colapso desde a Grande Depressão. Acima de tudo, o Estado está de volta ao jogo, à medida que governos de

todo o mundo apaziguaram suas economias domésticas em dificuldades com pacotes de estímulo estatal.

Desde 2001 e 2009, teve início uma nova deslocalização das indústrias tradicionais, que saem da China há anos devido ao aumento dos custos de mão de obra e à regulamentação ambiental, passando para lugares como Malásia, Vietnã e Bangladesh, por exemplo.

Mas essa tendência faz parte da agitação natural da globalização. As mesmas forças econômicas que esvaziaram a Nova Inglaterra (EUA) no século XX e escolheram a cidade de Dongguan, na província de Guangdong, no Cantão, para instalar suas indústrias na China, agora passam por uma grande deslocalização de indústrias, cidade que ganhou o título de *fábrica do mundo*.

Agora, com o coronavírus, se questionam as premissas que sustentam a própria globalização. A desglobalização é impulsionada pela desconcertante constatação de que todo o sistema agora tem um único ponto de falha: a concentração industrial num só lugar!

A globalização tinha tudo a ver com preço, eficiência de fabricação e competitividade, independentemente do local, e suas dependências mútuas deveriam garantir sua estabilidade. As economias dos EUA e da China estavam unidas pelas cadeias de suprimentos de que ambos dependiam.

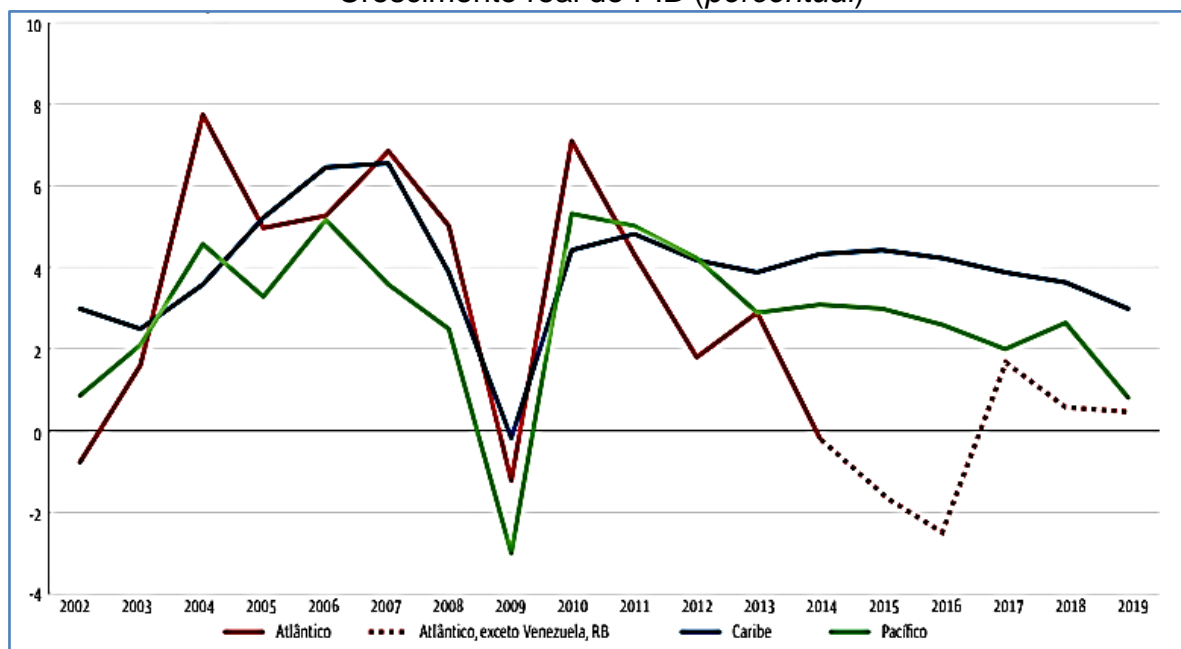
Mas acontece que o lugar é muito importante – tanto para empresas individuais, indústrias inteiras quanto para a economia global. A epidemia que começou em Wuhan bloqueou as principais artérias do comércio internacional. Agora a economia global está passando por uma convulsão.

Cada vez mais, a dependência mútua está se tornando uma fonte de medo. Segundo a revista *Economist*, o Pentágono e as autoridades de defesa europeias, por exemplo, estão preocupados com as implicações de segurança nacional do domínio da China no setor de ingredientes farmacêuticos ativos.

Como observa a revista, a construção de novas fábricas em outros lugares para garantir o fornecimento de ingredientes para medicamentos essenciais seria relativamente simples, mas envolveria o aprimoramento de teorias políticas e econômicas bem estabelecidas e permitiria que empresas privadas procurassem os melhores lugares, com mais vantagens.

Jörg Wuttke, presidente da Câmara de Comércio da União Europeia na China, declarou sem rodeios: “A globalização de colocar tudo onde a produção é a mais eficiente – acabou”.

Figura 8 – O crescimento desacelerou em todas as sub-regiões
Crescimento real do PIB (percentual)



Fonte: Indicadores de Desenvolvimento Mundial, BIRD, 2020.

De certa forma, a China se preparou para essa reversão armando o comércio. O Japão nunca esqueceu as lições de 2010, quando a China interrompeu o fornecimento de terras raras críticas para a indústria eletrônica durante um impasse sobre um conjunto de ilhas disputadas.

Emmanuel Macron também comentou que “o coronavírus irá alterar o modelo de globalização no qual temos vivido nos últimos quarenta anos”. E acrescentou: “tornou-se evidente que este tipo de globalização está chegando ao fim do seu ciclo de existência”.

A desglobalização está em andamento, no entanto, como sublinhou um recente artigo da revista *Foreign Affairs*, a pandemia veio expor, de forma brutal, “as fragilidades do sistema global” perante o “choque sistêmico” que ela vai trazer. Há mesmo quem considere que, como Tyler Cowen, colunista da *Bloomberg* (citado por Browne, 2020), pela primeira vez desde o final da Segunda Guerra Mundial, existe uma possibilidade real de uma ruptura em muitos dos circuitos do comércio global.

Reforçando essa ideia de que a presente crise pode marcar o “início da desglobalização”, Alexander Jung (2020), na revista alemã *Der Spiegel*, numa análise

intitulada “*The beginning of De-Globalization*”, ao reportar como as empresas daquele país estão reagindo à situação, enumera alguns indicadores que permitem compreender a dimensão das mudanças em curso e a alteração do paradigma que elas representam.

Um dos aspectos mais importantes, o mais relevante, resulta da percepção de que as empresas tiveram da sua extrema vulnerabilidade em face da disrupção das cadeias de produção e dos canais de distribuição globais. Nessa perspectiva, e de acordo com um inquérito realizado pela consultora Ernst Young, citado pela *Spiegel*, o objetivo principal das empresas neste momento é tornarem-se mais resilientes face à possibilidade de futuros choques econômicos.

O modelo da globalização assentada na ideia de investir tudo onde a produção é mais eficiente acabou. Agora, com a Crise Global do Coronavírus, essa estratégia de produção *just-in-time* tem que ser revista ou substituída por um novo modelo de *deslocalização* da produção, de realocação de processos de negócio de um país para outro.

Esse modelo possibilitou uma dinâmica nova ao crescimento da produção de bens e serviços e do comércio mundial, com critérios exclusivamente determinados por fatores de aproveitamento, uso do território geográfico, ancorados exclusivamente do paradigma do lucro e condições de competitividade material internacional dos produtos (bens e serviços) e das empresas. Esse modelo chegou ao fim.

Agora passaremos a um período de desglobalização, de realocação da produção, com ênfase na diversificação dos circuitos de abastecimento e na segurança das cadeias de produção, mesmo que isso signifique, neste último caso, retomar a produção no país de origem da empresa.

A extrema dependência da produção de componentes essenciais na região asiática tornou clara a vulnerabilidade desse modelo. Ou seja, já era claro, mesmo antes da pandemia, que a China e o Sudoeste asiático estavam deixando de ser uma opção atrativa única. Agora os analistas preveem que a busca por outras opções se intensificará.

Outra variável será o “regresso do Estado” e a recuperação da sua centralidade tanto no nível nacional quanto na dinâmica das relações regionais e internacionais.

Na Itália, o debate avança, com o crescimento e o fortalecimento do Estado, o qual, numa perspectiva neoliberal, está associado ao mercado para alavancar

políticas econômicas, num mundo multipolar assimétrico e bancar um globalismo *light*, necessário para um crescimento econômico, alicerçado em um novo nacionalismo, orientado autonomamente, propondo uma espécie de *New Deal* liberal.

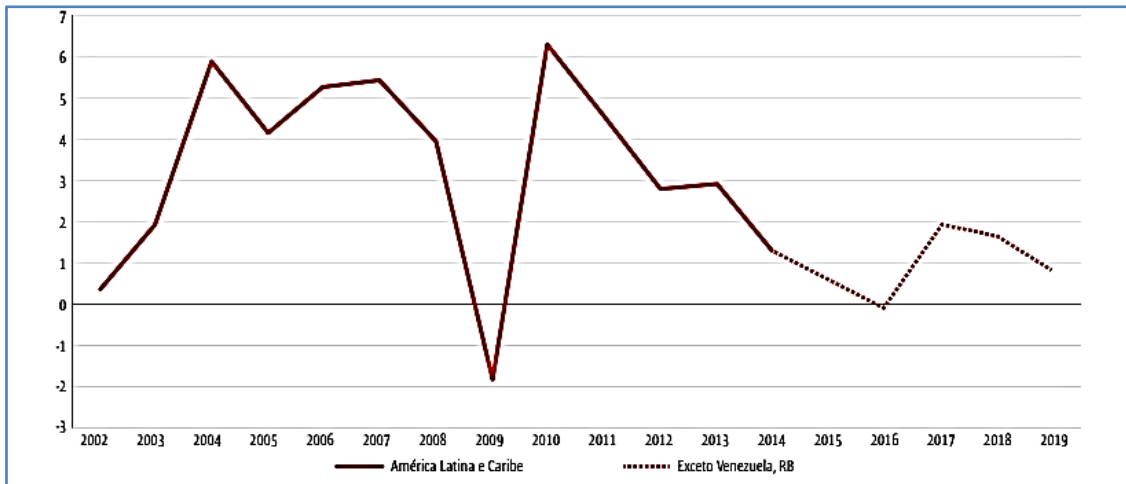
A Crise do Covid-19 na América Latina

Desde a intervenção do imperialismo a partir de 2013, houve a intensificação da Guerra Híbrida, que se agravou com a imposição de golpes institucionais, intervenções macroeconômicas, derrubada dos preços de *commodities* agrícolas e minerais, alterações nas taxas de juros e gradativo fortalecimento do dólar – além, é claro, de infiltrar agentes agitadores profissionais em manifestações de ruas na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Bolívia, Equador e Venezuela, principalmente, a América Latina vem aprofundando sua crise (Figura 9).

A crise se agravou terrivelmente a partir de 2015, e o desempenho econômico da América Latina tem ficado aquém do esperado, com taxas de crescimento médias próximas de zero. Com a imposição de reformas econômicas e administrativas, vem se tornando cada vez mais difícil manter as tendências de gastos sociais, inviabilizados pelas intervenções nos preços das *commodities*.

Gradativamente foi ocorrendo uma transformação na configuração territorial da América Latina, uma ruptura. Trata-se de uma produção histórica artificial, forçada e orientada pelo imperialismo em associação com as elites burguesas locais. Saímos de um período de enfretamento e prosperidade, de fortalecimento do nacionalismo, de um projeto autônomo de inclusão e distribuição de renda, que aos poucos foi substituído por uma cristalização dos meios de ação, que estão criando um período de incertezas e sofrimento.

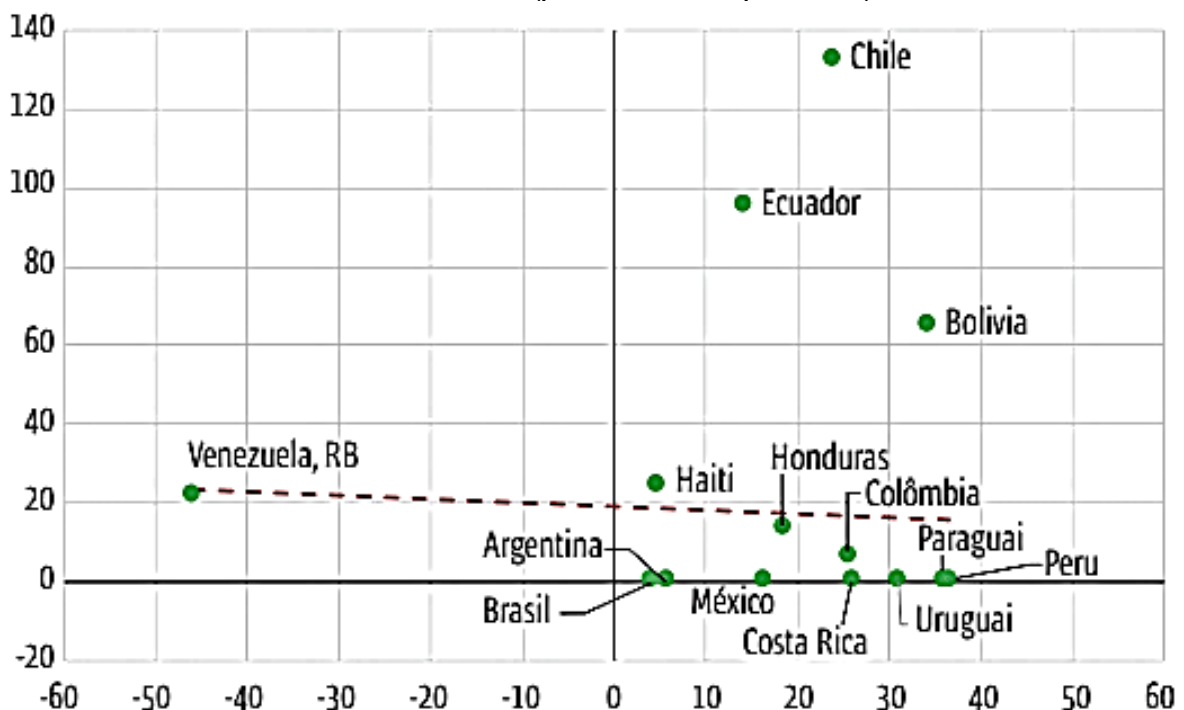
Figura 9 – Crescimento econômico lento ao final da Década de Ouro
Crescimento do PIB real (*em percentagem*)



Fonte: Indicadores de Desenvolvimento Mundial, BIRD, 2020.

O processo de intervenção dos sistemas de objetos e sistemas de ações está produzindo os acréscimos humanos, mas eles carregam a experiência passadas, do indivíduo e da sociedade transformadas em formas sociais e em configurações espaciais e paisagens, esperamos que essa experiência concreta seja a arma da resistência e enfretamento para construir um novo tempo.

Figura 10 – Intensidade da agitação social *versus* desempenho econômico
Mortos e feridos (por milhão de pessoas)

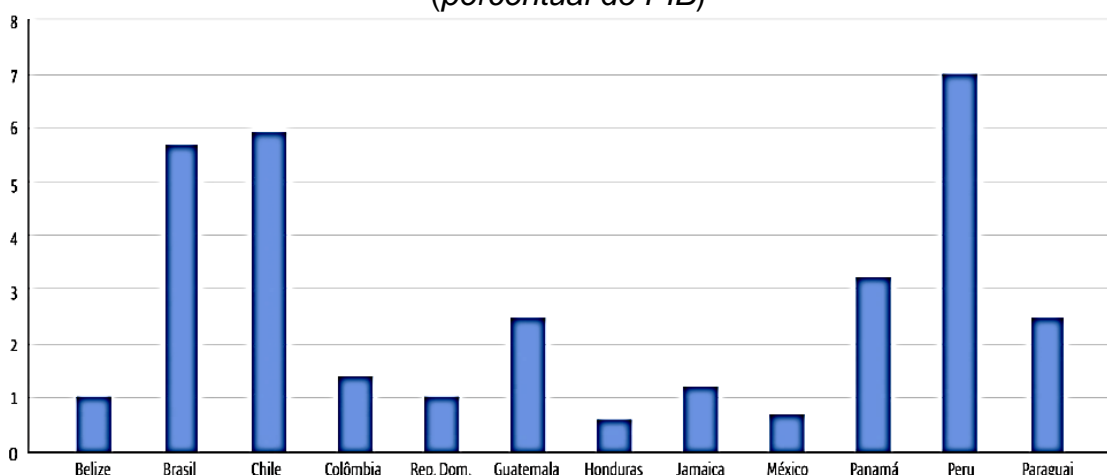


Obs.: A Nicarágua foi excluída do gráfico devido ao grande número de mortos e feridos. O saldo primário é o saldo fiscal líquido dos pagamentos de juros. PIB real *per capita* de 2007 a 2017 (percentual).

Fonte: Estimativas próprias de mortos e feridos, e Indicadores de Desenvolvimento Mundial relativos a crescimento econômico e saldo primário, CEPAL 2020.

Os limites dessa catástrofe e caos programado começaram a ser percebidos ao longo de 2019, quando emergiu uma agitação social em toda a região (parcialmente mostrado na Figura 10), demonstrando o crescente hiato entre as expectativas do povo e o caos econômico gerado pelo retorno das políticas neoliberais, em que cada país reagiu à sua maneira. Na sequência dessas manifestações contra os governos neoliberais, no início de 2020, os preços internacionais do petróleo colapsaram. Esse foi também o momento em que a epidemia Covid-19 se desencadeou do continente.

Figura 11 – Países da região que adotaram pacotes de estímulo consideráveis (percentual do PIB)



Fonte: Fundo Monetário Internacional e estimativas próprias. CEPAL, 2020.

Para medir, aferir a movimentação social e econômica, o Centro do Capitalismo e suas agências de riscos realizam avaliações do custo econômico das medidas de contenção da pandemia e exigem dados de alta frequência sobre a atividade econômica. Exemplos desse tipo incluem dados de luz noturna obtida a partir de imagens de satélite, consumo de eletricidade ou o número de trajetos diários avaliados por aplicativos de transportes compartilhados.

O Banco Mundial e a CEPAL, para fazer um relatório do impacto do coronavírus na América Latina, utilizaram o volume de dióxido de nitrogênio medido por meio de imagens de satélite. Afirmaram que as emissões estavam altamente correlacionadas à combustão ativa por veículos e outros maquinários, e os resultados confirmam que as medidas adotadas para conter a epidemia Covid-19 levaram a drásticas quedas na atividade econômica no Continente.

A CEPAL, em seu relatório, afirmou que, para assegurar empregos e empresas, os governos terão que fazer uma forte intervenção e deverão adquirir cotas em empresas estrategicamente importantes. E para evitar uma crise financeira devastadora, terão que recapitalizar os bancos e comprar ativos não produtivos. Arrematam afirmando que, se não forem administradas de maneira adequada, essas medidas podem abrir as portas para práticas de rentismo e apadrinhamento político.

Faz-se necessário que o processo de aquisição e de gerenciamento de ativos seja considerado transparente e profissional, de forma a manter a confiança no governo.

O Império Estadunidense, para sair da crise financeira, como pudemos demonstrar, vem se utilizando das armas mais modernas do imperialismo: a intensificação das políticas neoliberais globais e uma orquestrada Guerra Híbrida, com uma catastrófica presença militar estendendo suas operações a todos os continentes. Encontramo-nos em plena guerra global, afrouxando o ritmo por conta da pandemia.

Raros são os pensadores e articulistas que debatem o tema, enquanto o capitalismo, principalmente o centro do sistema, foi convertido num sistema de expropriação, em que a reprodução das forças produtivas fica subordinada à lógica do parasitismo, atrelado como sempre às aristocracias imperialistas e suas *lumpenburguesias* periféricas que *necessitam* superexplorar até ao extermínio os recursos naturais e mercados periféricos para sustentar as taxas de lucro do seu decadente sistema produtivo-financeiro.

Tabela 2 – Crescimento real do PIB a preços de mercado

	2017	2018	2019	2020p	2021p	2022p
Argentina	2.7	-2.5	-2.2	-5.2	2.2	2.3
Belize	1.9	2.1	0.3	-3.9	1.0	1.5
Bolívia	4.2	4.2	2.7	-3.4	3.7	3.4
Brasil	1.3	1.3	1.1	-5.0	1.5	2.3
Chile	1.2	3.9	1.1	-3.0	4.8	2.8
Colômbia	1.4	2.5	3.3	-2.0	3.4	3.9
Costa Rica	3.9	2.7	2.1	-3.3	4.5	3.5
Dominica	-9.5	0.5	9.6	-3.0	4.0	5.0
República Dominicana	4.7	7.0	5.1	0.0	2.5	4.0
Equador	2.4	1.3	0.1	-6.0	3.2	1.5
El Salvador	2.3	2.5	2.3	-4.3	4.8	3.0
Granada	4.4	4.2	3.1	-7.3	6.1	4.4
Guatemala	3.0	3.1	3.6	-1.8	4.4	3.1
Guiana	2.1	4.1	4.7	51.7	8.7	2.6
Haiti	1.2	1.5	-0.9	-3.5	1.0	1.3
Honduras	4.8	3.7	2.7	-2.3	3.9	3.8
Jamaica	1.0	1.9	0.7	-2.9	1.0	2.0
México	2.1	2.1	-0.1	-6.0	2.5	2.5
Nicarágua	4.6	-4.0	-3.9	-4.3	1.9	0.7
Panamá	5.6	3.7	3.0	-2.0	4.2	4.0
Paraguai	5.0	3.4	0.0	-1.2	5.6	3.9
Peru	2.5	4.0	2.2	-4.7	6.6	3.5
Santa Lúcia	2.2	1.4	1.4	-7.2	5.8	3.7
São Vicente e Granadinas	1.0	2.0	0.4	-4.0	2.0	3.0
Suriname	1.8	2.6	2.3	-0.7	1.3	2.0
Uruguai	2.6	1.6	0.2	-2.7	5.5	3.0
América Latina e Caribe	1.4	1.0	-0.1	-4.6	2.6	2.6

Obs.: Os valores são percentuais. A letra “p” indica uma previsão. A média regional não inclui a Venezuela.

Fonte: Banco Mundial 2020.

No entanto, observamos uma oferta tímida de estímulos de apoio fiscal, por parte das economias mais robustas da região (Figura 11) embora se saiba que apenas os países com algum folego fiscal poderão ser mais agressivos, mas também existe a questão política subalterna de alguns orientados pelo neoliberalismo, o que pode ser um entrave.

O nível de dívida externa é um dado determinante. A Argentina já adiou pagamentos, enquanto para outros a inadimplência pode ser um caminho, se bem que o calote sempre tem um custo! A questão da dívida interna poderá mostrar a hora da verdade: talvez credores internos possam ser encorajados a renegociar os termos da dívida, mas é muito difícil fazer isso com detentores de títulos e fundos de investimento internacionais.

Em geral, parece que os países cuja dívida externa do governo é relativamente baixa vêm implantando programas de estímulo fiscais mais significativos (Figura 11).

Os custos econômicos gerais das medidas adotadas para desacelerar a propagação da epidemia Covid-19 ainda são desconhecidos, mas, sem dúvida, serão muito altos. Há, no entanto, também, a expectativa de que o impacto na economia seja prolongado devido a falências, interrupções nas cadeias de suprimentos e a altos índices de desemprego.

Um trabalho de previsão, o desenho de um cenário para curto prazo em meio ao processo, é um desafio e requer um estudo minucioso das informações e dados disponibilizados pelos governos e os órgãos multilaterais (ONU, FMI, Bird e Cepal).

Um exercício desse tipo apresenta um grau considerável de incerteza, pois, no rescaldo da crise da epidemia Covid-19, a relação entre as principais variáveis pode não ser a mesma de antes. Os resultados dessa análise devem, portanto, ser interpretados com muita cautela. Levando em conta essa ressalva, o cenário geral da região da América Latina, segundo os dados da CEPAL, é muito preocupante (Tabela 2).

REFERÊNCIAS

AMIM, S. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILE, P. (org.). **Pós-neoliberalismo I**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BANCO MUNDIAL. **Perspectivas econômicas globais**. Washington, DC: Banco Mundial, jun. 2020.

BENSAID, D. **Marx, o intempestivo**: grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização, 2005.

BETTELHEIM, E. et al. **Um proletariado explorador?** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1971.

BROWNE, A. How the Coronavirus is accelerating desglobalisation. **Bloomberg**, 29 fev. 2020.

CEPAL. **Anuário estatístico de América Latina y el Caribe**. Santiago: ONU, 2006-2019.

CHESNAIS, F. et al. **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010.

CICCOLELLA, P. J. Desconstrução/reconstrução do território no âmbito dos processos de globalização e integração. Os casos do MERCOSUL e do Corredor Andino. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 196-307.

CROCETTI, Z. S. Geografia do neoliberalismo. In: ENSULGEO, 2003. **Anais [...]**. Curitiba: AGB, 2003.

———. Geografia e poder: a dialética do território. In: SALVI, R. F.; MARANDOLA JR., E. **Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente**. Londrina: EDUEL, 2011, p. 229-252.

———. A geografia da crise financeira e o uso do território. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, ano 23, v. 23, 2019.

DOBB, M. **A evolução do capitalismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra (1845)**. Porto: Afrontamento, 1975.

FIORI, J. L. **História, estratégia e desenvolvimento**. São Paulo: Boitempo, 2014.

GIRAUDOUX, J. **Electra**. Paris: Freeditorial, 2012.

GRAY, J. Goodbye to globalisation. **The Guardian**, 27 fev. 2001.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

JOHNSON, C. **As aflições do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

JUNG, A. The Beginning of De-Globalization. **Spiegel**, 5 maio 2020.

KAPLAN, R. D. **A vingança da geografia**. Rio de Janeiro: Campus, 2013.

KONDRATIEFF, N. D. **The Long Wave Cycle**. London: E. P. Dutton, 1984.

———. **The Long Waves In Economic Life**. Londres: Kessinger Publishing, LLC, 2010.

- LÊNIN, V. I. **Obras completas**. Moscou: Editorial Progreso, 1986, tomo 41.
- MAMIGONIAN, A. **Ciclos econômicos e organização do espaço**. Florianópolis: EDUFSC, 1998.
- . Marxismo e “Globalização”: as origens da Internacionalização Mundial. In: SOUZA, Á. J. de et. al. (org.). **Milton Santos: cidadania e globalização**. Bauru: Saraiva, 2000. p. 95-100.
- MANDEL, E. **Las ondas largas del desarrollo capitalista**. Madrid: Siglo XXI, 1986.
- MARX, K. **O Capital**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1, 2 e 3.
- PERKINS, J. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- RANGEL, I. M. A história da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 5-34, jan.-mar., 1981.
- . **Ciclo, tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982 (Retratos do Brasil, 158).
- . **Economia, milagre e antimilagre**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (Brasil: os anos do autoritarismo – Conferências pronunciadas na Universidade da Bahia).
- ROUBINI, N. **A coming recession in the US Economy?** Continuum Economics, 17 Jul 2006.
- SADER, E. **Alternativas latino-americanas**. Le Monde Diplomatique Brasil. 01 Fev 2006.
- SANTOS, M. **Economia espacial**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- . **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles: a theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process**. London: Mc Graw and Hill, 1939.
- . **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SMICK, D. M. **O mundo é curvo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- SMITH, J. **Imperialism in the Twenty-First Century**. EUA: Monthly Review Press, 2016.

SOROS, G. **O novo paradigma para os mercados financeiros**. São Paulo: Agir, 2008.

STREECK, W. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. Lisboa: Conjuntura Actual, 2013.

SWEEZY, P. M. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

TROTSKY, L. **História da Revolução Russa**. Madrid: Sarpe, 1985.

WALLERSTEIN, I. **O universalismo europeu**. São Paulo: Boitempo, 2013.

WHEEN, F. **Como a picaretagem conquistou o mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WOOD, E. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

WUTTKE, J. **Does Globalisation Have a Future**. EURObizonline. 17 Fev 2020.

ZIZEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.